

BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1904

N.º 127

Guilherme d'Azevedo



Este retrato foi desenhado de memoria pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, expressamente para as paginas do *Brasil-Portugal*, gentileza que muito agradecemos

Aviso

De accordo com esta Empresa deixou de ser representante do BRASIL-PORTUGAL, no Brasil, o sr. Alcantara Carreira, cessando por este motivo todos os encargos que lhe estavam confiados.

A EMPRESA



CHRONICA

Governo e parlamento, Jornaes e typographos



Martens Ferrão, nosso embaixador em Roma, aqui ha annos, provou até á saciedade — visto que vinte e dois dias levou em esteril elaboração — que se podia muito bem passar sem governo. *Cada um governa-se* — foi a divisa que elle se encarregou de gravar nas instituições publicas.

O sr. Hintze Ribeiro acaba de demonstrar que sem parlamento se pode viver como Deus com os anjos, que aquella ficção constitucional é de todas aquellas por que nos temos real — que se podia muito bem passar sem governo. *Cada um governa-se* — foi a divisa que elle se encarregou de gravar nas instituições publicas.

gido a mais inutil, que, fechadas as camaras, os governos navegam em mar de rosas, o rei sente-se mais á vontade, livre da massada quasi diaria das commissões parlamentares, a rhetorica nacional repousa, o governo governa sem impicillos, de carteiras que se não esmurraram deriva para o thesouro uma economia importante, e os povos, em resumo, não sentem a necessidade de fazer reclamações.

Desejaríamos que nos dissessem a que ficiariam reduzidas as medidas salvadoras, providenciaes e evolucionarias do marquez de Pombal, se tivesse todos os dias a eanaticarem-lhe o bichinho do ouvido a voz organigada do sr. Oliveira Mattos, as entilnarias do sr. Baracho . . . por partidas dobradas, os ápartes, com premeditação, do sr. Julio de Vilhena, e as piadas de sol em que são ferteis alguns deputados da opposição, com sangue na guelra, perante as quaes ficam a perder de vista as do Campo Pequeno em tardes de sol e moscas.

Quando observações mais ou menos identicas a estas se fazem é costume dizer-se que os tempos são outros, que o mundo se governa de outra fórma, e que com a época que atravessamos, de progresso e de luzes, os marquezes de Pombal seriam incompativeis.

Pois, sim, sim, e — permittam-nos a locução popular, que é a unica apropriada — canta-lhe d'essas que para cá vens de carinho.

Que os parlamentos entorpecem a acção governativa não ha a menor duvida, que os deputados dos circulos se tornam agentes de corrilhos locais e forçam o thesouro a despesas, que se não fariam se elles não fossem pessoalmente gratos aos seus eleitores, é certo, que os representantes da nação todos juntos, a reelamarem e a pedirem para si e para os seus, levam a nação a sacrificios superiores aos que faria se elles não existissem, é ponto assente, que tem repuxado de mais a corda elastica da verborrhéa bacharelatica, na triste e loqueissima revelação de uma absoluta ausencia de tino pratico, e da moderna sciencia administrativa, todos o reconhecem. Para que serve portanto o parlamento? *A quoi bon cela?* como dizia o mathematico depois da audição de uma opera.

Em um soneto celebre de Anthero do Quental, os deuses invejativa- dos pelos que descrevem d'elles, respondem-lhes:

Homens, para que foi que nos creastes?

Não poderiamos nós, deante dos ehausados representantes da nação, fazer a mesma pergunta, depois de termos observado a inutilidade da ficção parlamentar?

Da sessão legislativa d'este anno, por exemplo, que durou tres mezes e vinte dias, que resulta? Que medidas novas, que projectos de lei, que providencias salvadoras, que fontes de receita, que reformas sociais, que innovações de publica utilidade trouxe o parlamento á politica nacional?

Faz-se o balanço de tanto discurso, de tanta discussão, de tantas sessões violentas, de tanta carteira partida, e que se apura? De toda essa ceceuma de palavras, d'esse longo e renhido conflicto de opiniões e interesses, que fica? E' triste repetil-o, mas disse-o já, mas já fez o pavoroso registo, a folha mais popular da cidade que resumiu a sessão finda n'estas palavras justas e textuaes:

«Apenas produziu para serem convertidos em lei do paiz tres projectos, um sobre o imposto da produção da cerveja nos Açores, outro áerea de uma Misericordia, o terceiro relativo á assistencia aos tuberculosos, e ainda um outro sobre uma unica proposta do governo, e que

se refere á criação dos contractos com o Banco de Portugal, cuja execução ainda é duvidosa.»

E para isto, que tempo perdido, que dinheiro gasto, que verbas applicadas, entre outras inutilidades, á publicação do *Diario dos Camaras*, para que sejam bem publicos os tropos, os logares communs, os raptos parlamentares, os discursos varios dos palavrosos incorrigiveis! E para isto, para este espectáculo ás galerias, para esta ostentação de vaidades, para este sport da constituição, para se applaudir no record da rhetorica o que chega primeiro, perde-se tempo, perde-se trabalho, os que tem a seu cargo a governação tem de pôr de parte os interesses do Estado para cumprirem os regimentos parlamentares, e responderem a interpellações e questionarios, e balas com que os crivam, e, finalmente, o actual chefe do governo vê-se obrigado a torturar as suas forças, a gastar as suas facultades, para, n'uma lucta exhaustiva de todas as horas, defender todas as pastas, esgotar todos os assumptos, fazer frente a todas as opposições!

Mal empregada actividade, mal empregado esforço, de que tanto bem social resultaria, se exclusivamente fossem applicados á escrupulosa e exclusiva gerencia dos negocios do Estado!

Como, segundo observámos, já se viveu sem governo, como agora se reconhece que se vive bem sem parlamento, os typographos de Lisboa tiveram tambem a velleidade de pretender demonstrar que, igualmente, se vive sem imprensa. Só n'uma coisa não pensaram — é que a imprensa podia viver sem elles. D'ahi as consequencias que todos conhecem, que não podiam deixar de ser assim, visto que elles se esqueceram tambem de que todo o general que não prevê a retirada é, pelo menos... um mau general.

N'este caso typico, não por se tratar de typos, mas por ser unico, isolado na historia da imprensa, desde que ella sabiu do cerebro de Guttenberg, n'este conflicto agudo entre typographos e empresas de jornaes, ha muito que apurar, ha muito que aprender, sae d'esta originalissima grêce abastada copia de ensinamentos para uns e de conselhos e previsões para outros.

As empresas que tão civadas se mostraram do processo indigena da imprevidencia e da indifferença, receberam lição profunda, e, mandando desde logo vir machinas de composição e creando escolas de apprendizagem, provaram a verdade do velho dictado franceez: *à quelque chose malheur est bon*, asseguraram os seus interesses, e crearam para o futuro uma defesa de que estavam completamente desprovidas.

Elles, os typographos, ficaram sabendo, perante as manifestações unanimes da opinião, que nem todas as grêces se justificam, e que, na imprevidencia e falta de taetica, têm um pouco de contacto com as empresas jornalisticas, porque quando se não examinam todas as retiradas, podem corresponder ás entradas de leão sahidas... tristes.

Que a lição aproveite ás duas collectividades, e que o futuro nos não reserve o espectáculo de uma coincidência no desatino, é o que do coração deseja o *Brasil-Portugal*.

Museu da Direcção Geral de Infantaria



Entrada do museu

Guilherme d'Azevedo

A proposito d'um seu epigramma inedito



Conheci este homem, de quem se podia dizer — feio de corpo, bonito d'alma — em 1872, na sua terra natal, Santarem. Tinha publicado recentemente o seu segundo livro de versos — *Radiações da noite*, que lhe trouxeram celebridade.

Eça de Queiroz singularisava com effusão — *Os abutres*. E' a poesia moderna, commentava elle, a poesia da revolução e da justiça que dá signaes de vida tambem entre nós: que venha, que venha.

Anthero de Quental dedicou-lhe um estudo critico, que Guilherme, decorridos dois ou tres annos, poz á frente do seu terceiro e ultimo volume de versos: — *A alma nova*.

N'aquelle anno, os poetas que o traziam em vibração, eram Baudelaire (*Flores do mal*) e Leconte de Lisle (*Poemas barbaros*.)

Mas, os seus conterraneos, esses, é que não o viam com bons olhos, nem julgavam da orientação das suas faculdades d'homem de letras, como Eça ou Anthero.

Que razão extraordinaria haveria para divergencia tão funda e radical? Por que seria?

Porque Guilherme, que redigia um jornal seu — *O Alfageme* — impellido, tal como succedera a Bocage, pelo espirito novo que nos vinha de França, abriu-se calorosamente, ao 6.º n.º, n'uma apologia á intenção do movimento communalista de Paris.

Não será necessario entrar em considerações sobre o caso; bastará relembrar o que foi aquella explosão socialista, mal norteada e terrivel, e o que é a vida pacata e ordeira, conservadora e burguezia, de qualquer pequena cidade de provincia, em geral.

O menos que succedeu ao redactor socialista d'*O Alfageme* foi ver a debandada dos assignantes, devolvendo-lhe o 6.º n.º; e o mais seria, queimarem no vivo para o... purificar, conforme a doutrina da Inquisição.

Alguns graves sujeitos tambem deixaram de lhe falar, lançavam-lhe olhares atravessados e ferinos, e começaram d'então a tratá-lo na ausencia pelo *diabo coxo*, alludindo assim cumulativamente ao seu espirito *malefico* e á sua perna cambada.

Escusado era dizer, que Guilherme ria de tudo isto. E' que elle abria a sua alma generosa ás idéas fundamentaes dos socialistas, assim como, poucos mezes antes, Victor Hugo não sómente lhes abria a sua grande alma, mas tambem homisiava sob o tecto da sua casa, em Bruxellas, os communalistas de Paris que vinham de se salvar vivos da derradeira hecatombe, a «semana de sangue». A casa do grande poeta que havia de celebrar para todo o sempre, *O anno terrivel* — fóra apedrejada, e elle proprio teria sido gravemente desrespeitado, se apparecesse á multidão açulada pela burguezia. No dia immediato, porém, n'uma carta á imprensa, elle explicava: «Na insurreição de Paris eu estou com os principios e não com os homens; todavia os homens que bateram á porta de minha casa clamando hospitalidade, eram uns vencidos que se tinham batido heroicamente por um ideal e que, terminada a lucta, procuravam esquivar-se á perseguição. Ora, todo o homem vencido é sagrado»...

Vê-se pois, que o *diabo coxo*, estava em boa companhia.

Uma scena da curta vida da Communa, que o enthusiasma, fóra um certo baile nos salões das Tulherias, após um dia dos mais sangrentos da defesa de Paris, em que fóra rechaçada a investida das tropas de Versailles em toda a sua força e em toda a linha. A victoria era celebrada assim, ruidosa e alegremente, entre combatentes e boas raparigas do povo nos dourados salões do imperio: Regente da orchestra, Litoff.

A notavel personalidade d'este musico, que regia valsas, serena e

proficientemente, mal dissipada ainda nos ares a fumarada dos combates e o troar da artilharia, quando as ambulancias ainda recolhiam os cadaveres, era uma das obsessões de Guilherme d'Azevedo.

Se entre alguns santarenos Guilherme era um réprobo, em compensação, a sua fama ia alargando e avigorando entre a gente letrada, de temperamento revolucionario e progressivo, ao ponto de merecer d'Anthero o ser agrupado no numero dos 12 conferentes do Casino. Era a consagração.

Elle descobria-me abertamente as suas impressões recebidas, quer do conceito dos seus conterraneos, que achava errado, quer do conceito d'Anthero, que achava excessivo. A nossa amizade continuou a estreitar-se em Lisboa, onde elle passava já dias seguidos antes d'entrar resolutamente no jornalismo da capital, o seu sonho. Quando nos encontramos a primeira vez de cada dia, espontaneamente apertavamos as mãos n'uma reciprocidade amiga, elle tratando-me fraternalmente por *bandido*, e eu a elle, muito carinhosamente, por *siócrio*.

Em novembro de 1876, partindo eu para os Açores, despediamos-nos, para não mais nos vermos.

Não passarei adiante sem registrar, que os conterraneos illustrados de Guilherme d'Azevedo teem procurado honrar, desde a sua morte em Paris, a memoria do poeta revolucionario e brilhante prosador, que conquistou logar proeminente nas letras do seu tempo e do seu paiz, especialmente como chronista moderno, em que ainda não foi igualado.

No Brasil ainda não estará de todo esquecido o primitivo correspondente portuguez da *Gazeta de Noticias* na capital da França.

N'aquelle sentido, o municipio de Santarem fixou o seu nome no respectivo publico, dando-o a uma rua, e os seus apreciadores pretenderam trasladar-lhe os restos mortaes para a terra do seu berço. Mau grado de todos, esta idéa surgiu tarde, já decorridos os cinco annos regulamentares do repouso na terra mãe, e assim, ao tempo os seus ossos já estavam baralhados no ossoario do cemiterio de St. Ouen. Todavia, a lição que resulta d'este reconhecimento postumo, ficou para louvor dos seus conterraneos e estímulo a quem saiba manejar uma penna com talento e sinceridade.

Era limitado o numero de santarenos, a quem o redactor d'*O Alfageme*, escandalisou, pela imprudente pretensão de querer seunear idéas novas entre os seus conterraneos. A maioria, não obstante o seu espirito epigrammatico, não o desadorava, e entre esta figurava o *Villela da flauta*.

Mas, quem era o *Villela da flauta*?

Villela era um bom velhote, sempre de animo alegre para toda a gente, gosando justamente da estima publica, inoffensivo, pagando as suas contribuições sem juro de móra nem relaxe, vacinado, confessando-se uma vez ao menos em cada anno, além de outras virtudes «referidas no novo methodo».

Villela era tudo isto e mais, segundo uma creença sua, o homem enviado á terra, predestinado a não deixar passar festa alguma do genero *pic-nic*, bailarico, passeio obrigado a merenda no campo, ou ceia de rapazes, sem flauta. E tanto mais conviata e assiduamente desempenhava a sua missão na parte que lhe coube na Terra (de Santarem a Alesandões) quanto era ponto de fé para elle, que nos sons da sua flauta é que estava a alegria. Quer dizer que, se não fosse Villela, podia ser Pan.

Mas (hade haver fatalmente um *mas*), os habitantes d'aquella região, Guilherme d'Azevedo á frente, é que não entendiam assim. Para elles o Villela, quando armado da flauta, era um massador estupendo e sempiterno. Não era Pan, era o Diabo que o levasse.

E, para se furtarem ao flagello, combinavam entre si aquellas patiscadas, no genero que citei, o mais reservada e confidencialmente possível, de modo que o Villela nem as sonhasse.

Mas qual?... O homem tinha o fáro da folia; e quando os do rancho, partindo por caminhos diversos, como conspiradores, a não suggerirem suspeitas n'algum encontro casual com o Villela, se encontravam satisfeitos e prazenteiros no logar da reunião, a meio, quando muito, da



Major Antonio Wadlington

Official ás ordens de Sua Magestade El-Rei. Director da Bibliotheca e Museu da Direcção Geral dos serviços de infantaria



General de divisão Lencastre de Menezes

Director geral dos serviços de infantaria

comezaina ou dança, lá lhes aparecia elle, bradando radioso e ufano, agitando ao alto um saquinho na mão:

— «Cá estou, cá está o Villela, a alegria da rapaziada. Viva a bella sociedade!»

E enquanto todos, uns estarrecidos de pavor, outros maldizendo a sua sorte, praguejavam da estopada imminente, elle, sempre risonho e gracejador, ia tirando do sacco o *instrumento do crime*, enfiava os tres canudos uns nos outros, e a seguir começava uma polka do tempo de D. Affonso 2.º o Gordo.

Era como um signal de debandada... á formiga. Quem puder escapar, escape-se. E ao cabo de pouco tempo, Villela, mirava apenas alguns, raros, convivas, dos mais complacentes e d'animo soffredor para lhe aturar a mania.

Foi d'uma vez d'estas, que o Guilherme, batendo em retirada, coxeando mais que de costume, perturbado e nervoso, respondia ás instancias dos amigos para ficar, com esta observação tão propria d'um ribatejano:

— «Antes um touro!»

Villela, sem afrouxar na sua missão, explicava aquellas deserções pela falta de gosto dos rapazes d'agora, para a musica.

Nas vespersas d'eu retirar de Santarem, os meus novos amigos convidaram-me a um jantar no campo. Ainda não havia a ponte sobre o Tejo. Guilherme, solicitado por elles, na minha presença, a associar-se, respondeu:

— «Da melhor vontade; mas, se me dão licença, proponho uma lembrança. E' ser o jantar na margem de lá do rio, e o Neves mandar collocar uma sentinella do seu destacamento á barca de passagem, prompta a calar a baioneta contra o Villela, se o vir avançar de saquital na mão, com aquelles seus geitos de quando vem disposto a *perpetrar* polkas e mazurkas.

— O' seu malvado! (acudi eu) Então você pretende que os meus soldados vão até ao Villeleicidio?!

— «Não se faz mistér tanto. Uma sangria apenas e basta.

Ora foi este terror pelo Villela que gerou em Guilherme d'Azevedo o *pesadello* que nos descreveu e vão ler. Um cataclysmo, o que elle viu.

— «Eu tive um sonho estupendo!
Vi lá no meio do empyreo,
Cheio de susto e tremendo,
Christo fugindo ao martyrio
Levando os anjos ao collo!
As arvores fugir do solo!
Os astros fugir dos céos!
E os mortos cheios de somno,
N'uma furia de abandono,
Fugirem dos mausoléos!
E, na fuga indescriptivel
(Que scena d'horror aquella!)
A perseguil-os, terrivel,
De flauta em punho, o Villela!»

HENRIQUE DAS NEVES.

NOTA. — O original d'este epigramma não o deixou escripto o auctor; ficou sim na tradição entre os seus amigos e apreciadores. E as copias das copias é que explicarão as incorrecções da forma.



El Rei preparando-se para fazer pontaria



Cliches Beaulieu

Sua Alteza o Principe Real
conversando com um grupo de atiradores

TIRO AOS POMBOS NA TAPADA DA AJUDA



Sua Alteza o Principe Real

Para em tudo haver incoherencias n'estes tempos de nevrose, nem mesmo se respeita intencionalmente com severo escrupulo o principio juridico da propriedade, que todos os codigos civilisados consagram. Se não arde por hora a guerra declarada, sanguinolenta, homicida, que alastra de mortos os caminhos por onde passa como um cyclone lugubre, fermenta outro genero de guerra, a guerra cupida, infrene dos interesses. Por estes se expoliam nações honradas, exprobando-se ainda por cima ás victimas maleficios e crimes, que não praticaram. A hiotoria é de hontem, e não precisamos avivar feridas que sangram de fresco.

VISCONDE DE BENALCANFÖR.

O marquez de Niza

O MARQUEZ de Niza não desempenhou o papel dandystico de um Brummel, o antesignano da moda da regencia do principe de Galles, depois Jorge IV, que se intitulou — o primeiro *gentleman* da Europa. Não representou um d'esses oraculos do janotismo, que declinavam todas as desinencias da elegancia, que faziam do guarda-roupa um templo de Delphos e do alfaiate uma personagem mystica. Mas o seu typo impressivo entalhava-se em todas as memorias, mas as suas estroinices epicas argamassaram-lhe a sua imperecivel fama sobre o granito do tempo. Foi um astronomico que determinou a parallaxe de muitas estrellas mundanaes, um medico que escarpellizou muitas nevroticas luminosamente bellas, um mathematico que descobriu o x de muitos adulterios, um diplomata que jámais perdeu o fio conductor no labyrintho inextricavel dos perfidiosos enredos de salão. A sua vida não correu banal como a dos enxovados elegantes do seculo xx, para os quaes a parourela da luneta de um vidro é o mesmo que o leque para as hespanholas. Foi cheia de ruidos e de arfagens como um paquete transatlantico, torvelinhou rapidissima como a espiral rotante de um cyclone.



O marquez de Niza

Certos episodios da vida do marquez de Niza podiam moldurar-se nos caixilhos de um romance à *sensation*. Qualquer novelheiro de truz perfilharia, de boamente, algumas peripecias d'essa existencia febril como uma puerpera, arrebataada como uma tempestade equinoxial. D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama, 9.º conde de Niza, 13.º almirante do mar da India, representante do eminente João das Reyras e de Vasco da Gama, foi creado como um grão-senhor, educado como um mimalho e querido como um al-Jesus. Era cultissimo, tocava rabeca na perfeição e cantava divinamente, tendo sido leccionado pelo celebre tenor Rubini, o interprete ideal das operas de Bellini e de Donizetti. Mas depressa se aborreceu do exercicio d'estes dotes artisticos, porque sua avó se fartava de o maçar, pedindo-lhe, a meia volta, para exhibir as suas prendas ás vistas da casa: — "O Domingos, vem aqui tocar para esta senhora ouvir." — "O Domingos, canta lá para esta senhora ouvir."

Na primeira flor da sua mocidade, quando revolteava na poeira olympica de Paris, sua avó commettia-lhe o encargo de lhe calçar os sapatos, dizendo-lhe, ás vezes, com um requinte de amabilidade almiscarada: — "O Domingos, tu és a unica pessoa a quem até hoje concedi a honra de me calçar os sapatos."

O marquez de Niza esteve para casar com a duqueza de Goyaz, filha natural de D. Pedro IV. Os desposorios ajustaram-se em Paris e clausulou-se que o noivo receberia um milhão de cruzados de dote e o titulo de principe. A noiva estava recolhida n'um convento parisiense, onde o marquez a visitava a miudo, e onde, certa occasião, lhe pediu uns sapatos emprestados para servir de modelo a umas botinas, com que a desejava presentear. Dias depois, appareceu alli com ellas e impetrou a graça particularissima de as calçar ao seu amorzinho. Mas a madre-prioreza oppoz embargos á execução de semelhante acto, que capitulou de immoral, motivo por que o marquez desandou pelo mesmo trilho, e foi, no dia immediato, contractar casamento com D. Maria Constança de Saldanha da Gama, segunda filha dos condes da Ponte, a quem desposou em 3 de março de 1835. A duqueza de Goyaz, D. Isabel Maria de Alcantara, recebeu a coroa ducal em 1826, completou a sua educação em Munich, no Instituto das meninas nobres, fundado pelo rei Maximiliano, casou com o conde de Fischler de Freuberg, do qual teve varios filhos, passou em bicos de pés na meia-luz da chronica e falleceu em Mornau, uma cidadezita dos Alpes bavaros, em novembro de 1868.

Contaremos agora diversos passos da vida do marquez de Niza, passos que magnificariam a inventiva do mais imaginoso novelista do planeta. Em 1838, no viço da sua aurea juventude, esteve em Londres, onde liberalizou muito oiro á dama de espadas e ao Gotha da galantaria londrina. Depois de desbaratar a pecunia n'esse turbilhão doirado de prazeres, epistolou a sua avó, informando-a da grande asthenia que lhe atacara a bolsa e implorando houvesse

por bem metalisar-lh'a de novo. Mas a avó não esteve pelos ajustes. Então, uma idéa patusca brotou no espirito do marquez de Niza. Sabendo que um Lord, prestes a sahir de viagem, necessitava de um creado, foi offerecer-lhe os seus prestimos. O Lord aceitou a offerta, engajou-o para o seu servico, e logo no primeiro dia, reparou no desembaraço e no garbo d'esse servidor expedito como Mascarrille, beliz como Frontin e brilhante como Scapin. Admirou a exactidão geometrica dos seus ademansos, a maneira como collocava o chapéo no eixo de distincção adequado, a destreza no engraxar das botas e na pratica das mil minucias do seu officio. O novo servidor enchia as medidas ao Lord, o qual, poucas semanas volvidas, abalou com elle para Paris. Mas, horas depois de chegarem á metropole franceza, o marquez recebeu letras cambises da avó, e, em consequencia d'isto, abandonou o brixóte sem lhe dar cavaco e largou, de róta batida, para Napoles, onde o chamava uma dama bem do seu peito, mas onde os advenas eram illaqueados pela obnoxia espionagem das *mascas* de Fernando II, que punha em pratica o axioma politico de seu avó, Fernando I: para governar um povo bastam só tres F F F — *fésta, força e farina*. Ainda se encontrava na velha Parthenope, quando o duque de Montebello, filho mais velho do marechal Lannes e embaixador da França, deu um faustoso baile, para o qual o marquez de Niza recebeu convite e ao qual assistiram o marquez Ruffo, presidente do conselho de ministros, Sant'Angelo, ministro do interior, del Caretto, ministro da Policia, o principe de Scordia, pretor de Palermo, e o principe de Metternich, que andava viajando na peninsula italiana. As salas flammejavam com a luz estrellada dos lustres e das serpentinas, regorgitavam com a pura nata da corte das Duas Sicilias, phosphoreante de riquezas lapidarias e relumbrante de galas do ultimo tom; as casacas cor de pinhão, verde-girrafa, bronze florentino, azul Imperial e azul de Italia, os colletes de setim com bordados a ouro ou a prata, de cachemira clara, de merino bordado, de velludo com flores bordadas a ouro ou a seda, de seda de matiz e de lãzinha ingleza, as calças de casemira branca, de meia de seda preta ou branca, de cassineta de Bruxelas, de setim de lã cor de café e de angolina cor de ganga; os vestidos de setim lilaz guarnecidos com marabús e esmeraldas, de setim Helena, Atlas, Memphis, Ismael, Scarron e Criméa, de velludo verde-emir, azul Turim e azul Sèvres com rendas de prata de *gras* de Tyndaris, de Messina e de Turquia com desenhos, de pekim Sévigné, Persa, Embaixatriz e China, de *reps* Volga e Trianon, de crepe bordado a prata, de melania branca, de cassa opala e de popelina cor de rosa, vestidos que eram perfeitos poemas de elegancia.

Aconteceu, porém, que um dos convidados era o Lord, ex patrão do marquez de Niza. A valsa punha nos espelhos uma rotação helicoide de cabeças masculinas friadas a ferro, de languidas elegancias á 1830, de turbantes á Maria Stuart e á Ismenia, e de penteados com grinaldas mordidas pelas fiscoações das pedrarias. N'este comenos, o inglez percorria as salas, com uma lente de aro de ouro embutida na arcada zygomatica, e biapou o aristocrata luzitano, em quem reconheceu immediatamente o seu antigo creado, apesar d'este trajar um vestuario, que podia pedir meças ao do sócio duque Fernando de Orléans e que fora confeccionado pelo notavel alfaiate parisiense Robin: casaca azul com botões amarelos, collete de setim branco bordado a matiz, calças de meia de seda branca e luvas cor de café com leite aromatizadas a baunilha. O Lord, estupefacto com o encontro, chamou o duque de Montebello e perguntou-lhe se conhecia todos os seus convidados, ao que o duque respondeu affirmativamente e que pertenciam todos á mais apurada estirpe, á casca social de mais refulgente esmalte. Mas o inglez retrucou-lhe que não seria bem assim, visto que um seu antigo creado figurava entre elles. Então, o diplomata rogou ao britannico que lhe indicasse o tal homem, desejo que elle promptamente satisfez. O duque, muito serio, objectou que, decerto, havia equivoco, pois que o cavalheiro apontado era, nem mais nem menos, que o marquez de Niza e o representante do grande Vasco da Gama, descobridor da India. O Lord encarou-o com aspecto mal assombrado, redarguiu-lhe que não havia semelhante equivocação e pediu que lhe apresentasse o andaz scyophanta para lhe arrancar o anteface. Em virtude do pedido, ambos se aproximaram do marquez de Niza, que facilmente reconheceu o Lord, e a quem explicou os motivos do disfarce que tomara em Londres e da sua escapada subitanea de Paris. O Lord e o duque de Montebello riram a bandeiras despregadas com a romantica rapazia, que depois serviu de pábulo á tagarellice irrida das damas de *haut parage* nos mais engratados salões napolitanos.

Estando o marquez de Niza no Piemonte, no tempo em que ali reinava Carlos Alberto — que, na sua propria expressão, estava entre o punhal dos carbonarios e o chocolate dos jesuitas — foi preso por connivente em uma conspiração fomentada pelos sectarios da *Joven Italia*, esnoga revolucionaria que foi engendrada por Mazzini e que representou o ultimo termo do carbonarismo. No momento em que a osma de esbirros o catrafiou, acabava elle de se vestir para um baile, onde luziria uma *toilette* tão a ponto como a do conde de Orsay: casaca cor de vinho com golla de velludo e botões de ouro cinzelado como as metopas e os triglyphos da Acropole, collete de velludo roxo bordado a ouro, gravata de setim branco á Royer Collard, peitilho illuminado pelos lampos de dois solitarios de diamante, calças de casemira branca com alcapão e presilhas, sapatos polidos como um sabre e luvas cor de canario perfumadas a essencia de Portugal. Com esta *toilette* entrou em ferros de el-rei e compareceu, no outro dia, perante o tribunal marcial. Todos os conspiradores foram condemnados á morte. Contava o marquez de Niza, que, ao ouvir a leitura da sentença, experimentara tamanho susto, que ficara as mãos nas costas (de uma cadeira... e sentira as calças estranhamente humedecidas. Moveram-se altos empenhos de magnates, que se vi-

ram em pancas para o salvar do apertadissimo lance, o que a muito custo conseguiram, mas debaixo da condicional seguinte: iria com os olhos vendados ao meio do quadrado, onde receberia o perdão depois dos outros conspiradores serem passados pelas armas. E assim succedeu. Ao pintar da aurora, os conjurados foram arcabuzados a oito, e o marquez de Niza foi desvendado, encafuado n'uma carruagem de posta, escoltada por um piquete de cavallaria, e conduzido á fronteira. Quando, no anno de 1866, o marquez de Niza se dirigia da Allemanha para a Italia, acompanhado do sr. Dr. Venancio Deslandes, este aconselhou-o a que atravessasse a Suissa e entrasse na Italia pelo Piemonte, mas que não fôsse a Paris, por ser caminho mais longo. O marquez, porém, recusou-se a fazê-lo e justificou a recusa n'estes termos: — «Eu jurei que nunca mais entraria no Piemonte e hei de cumprir o juramento.»

Certa vez, jornadeava elle na Suissa em companhia de sua mulher, quando, a pouco trecho, se viu fallido ao dinheiro, mercê da familia lhe ter posto um dique á torrente das remessas monetarias. O obice não lhe fez mossa, e elle propoz á marqueira o regressarem a pé a Paris. Esta acolheu de mau rosto a exquisita proposta, que julgou controvertivel, mas o marido desenvencilhou-se da logica conjugal, rebateu-lhe os argumentos de fio a pavio e fechou a perlanga d'este teor: — «Olha lá! Nós vamos a pé. Eu toco a rabeca e tu cantas. Sempre nos hão de ir dando alguma coisa por essas estradas fóra.» De facto, metteram pernas ao caminho e vieram tocando e cantando, á laia de dois bohemios na liberdade feliz do ar livre, até entrarem em Paris, onde o marquez chegou com as botas brancas todas rebentadas.

Alguns annos depois d'este acontecimento, em 1846, o marquez de Niza emigrou por causa da *Patulda* e foi bater com os ossos a Marrocos. Ahí tomou como creado um mouro, que lhe recomendaram de boa tinta, e a quem prometeu trazer para Portugal, se elle estivesse pelos autos. O mouro disse-lhe que sim e impoz uma só condição: se morresse, o patrão ficaria obrigado a enviar o seu cadaver para Marrocos. Effectivamente, quando o marquez voltou para Lisboa — indo residir no predio que torneja para a travessa do Forno, ao Intendente, — o mouro veio tambem, na qualidade de creado de mesa. Ao jantar, servia exclusivamente seu amo, ao passo que os demais convivas eram servidos pelos outros creados. Um bello dia, o mouro deu a alma ao Creador, e o marquez, fiel ao seu compromisso, mandou embalsamar o, encerral-o n'uma urna e collocal-o na loja do predio, á espera de navio, que o transportasse a Marrocos. Mas a longa estada do mouro n'aquelle sitio fez rebentar a urna, por motivo de dilatação interna dos gazes, ficando o cadaver a descoberto. Um dia, em que o marquez e varios amigos saboreavam as cobertas de um finissimo jantar, entrou, de golpe, o creado Domingos, pávido, amarellido de cara, e exclamou, voz em grita, que o mouro havia resuscitado! O marquez e os seus commensaes galgaram, de roldão, as escaleiras que levavam á loja, onde deram com o mouro n'aquelle bonito preparo. E as rinchadas do riso zombeteante commentaram a estolidez do creado palerma.

O fallecido Dr. Camara pertencia sempre ao numero dos convivas nos jantares das quarta-feiras em casa do marquez de Niza, quando este morava na rua de S. Bento, no palacete depois habitado pelo visconde de Falcareira. No anno em que aquelle foi eleito deputado por Cabo-Verde, o marquez pregou-lhe uma peça de arromba. Durante um d'esses jantares, o creado participou que estava na sala um eleitor do Dr. Camara, que mostrava grande empenho em lhe falar. O doutor pediu permisso, levantou-se e foi á sala, onde o esperava... um macaco enasacado, engravtado e encartolado, de

cocoras n'uma poltrona. A pirraça, adrede arranjada pelo marquez, veio a plumo e produziu hilaridade, não sendo o Dr. Camara aquelle que riu menos.

O marquez de Niza era um catholico estreme. Se adergava topar o Sagrado Viatico na rua, apeava-se da sua carruagem e acompanhava-o respeitosamente. Na sua meninice, sempre que passava pelo Terreiro do Paço com a avó, esta fazia parar a sege e obrigava-o a desbarretar-se para cumprimentar a estatua equestre de D. José I. Depois, nunca se esquecia de lhe dizer: — «Agora, Domingos, reza uma ave-maria por alma do nosso inimigo, o marquez de Pombal.» Pois o marquez de Niza jámais passou pelo Terreiro do Paço, que não saudasse D. José I e não rezasse por alma do seu inolvidavel secretario de estado. «Assim me ensinaram, dizia o marquez, e assim praticarei até morrer.»

Uma tarde, estando a jantar na sua casa da rua de S. Bento, sentiu-se repentinamente incommodado e desmaiou com uma syncope. O sr. Dr. Deslandes, alli presente, acudiu-lhe com o medicamento apropriado e fê-lo recuperar os sentidos. Pois o marquez queria, á fina força, que lhe fôsem buscar um confessor, tornando-se necessario que o sr. Dr. Deslandes lhe affiançasse a nenhuma gravidade da doenca passadiça. A convicta asseveração do medico, porém, não impediu que o marquez lhe desfechasse á queima-roupa esta declaração pereuptoria: — «Tenho plena confiança no doutor. Portanto peço-lhe que, apenas veja a propinquidade da minha hora extrema, m'o diga francamente para eu mandar chamar um padre, que me confesse. Tenho muitos peccados, muitos peccados!... E não quero deixar o mundo sem fazer confissão d'elles.»

Toda a gente sabe que o marquez de Niza atirava á pistola como Junot e fazia uma finta de florete como Grisier. Pegava em duas pistolas, uma em cada mão, e alvejava e apagava duas velas collocadas a dietarçia de quinze passos. Tambem pegava n'uma pistola e atirava a um cruzado novo, posto junto á aresta da taboa de uma mesa, a igual distancia, e a bala levava a moeda deante de si. Mais tarde, a lenda propalou que elle carregava as pistolas com buchas feitas de notas bancarias!

O marquez de Niza, como Alexandre Herculano, não era carovael das tauromachias. E, o que é mais, arreceava-se dos toiros, como se prova com este facto: quando, no tempo da Regeneração, se dedicou á lavoira e organisou centros productores das raças cavallar e taurina, nas suas propriedades, apeava-se do cavallo em que montava, sempre que se approximava d'estes ultimos centros, e fazia-se transportar n'um carro de bois. Uma prova frisantissima de que nenhumamente apreciava as corridas de toiros foi que, em 23 de abril de 1860, apresentou á camara dos pares um projecto de lei para a abolição das toiradas.

Epicurista roido pela polilha do prazer, sybarita gangrenado pelos gusanos da volupia, perito na arte de amar, e, conforme a expressão de Mirabeau, na arte de ousar, o marquez de Niza era um erotomano irreductivel, um d'esses homens que conservaram o genio do amor, e que, se vivesse na Grecia antiga, seria capaz de entornar a cornucopia de Amalthea sobre a cabeça escultural de Laïs, de revestir a magestade leonina de Alcibiades para conquistar a belleza coroada de Aspasia, de discutir theses eroticas no banquete de Xenophonte ou de se sentar entre os contubernaes no banquete de Platão para admirar os vesuvios rompentos da eloquencia de Socrates, o *sabio conselheiro do amor*. Mas acabou mareado de dissabores, depois de ter feito da vida um taboleiro de xadrez e de ter cumprido observantissimamente aquelle conselho do tyrannico casquiluzio thebano — os negocios serios guardam-se para amanhã.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).



Visconde de Leite Perry

Actual governador civil na ilha do Fayal, Horta



João de Mello Abreu

Commerciante probo e industrial estimadissimo, que innumerous serviços tem prestado á ilha de S. Miguel, onde reside ha longos annos



Conselheiro Dr. Antonio Emilio d'Avellar

Distincto medico açoriano, ilha do Fayal, Horta

Sem jornaes...

No dia 18 d'este mez, todos os jornaes de Lisboa suspenderam indefinidamente a sua publicação, por motivo das imposições que lhes fez a classe dos typographos. Entre essas imposições figurava naturalmente o augmento no preço do trabalho. Reuniram-se todos os jornaes e decidiram responder que não podiam elevar os preços da composição, porque lhes faltavam os meios pecuniarios de o fazer. No dia seguinte, a classe dos typographos publicou um *Boletim*, redigido com muita arrogancia e alguns erros de grammatica. Os membros da classe typographica, cuja modesta profissão é *compor*, desataram — ó manes de Guttenberg! — desataram a descompor! Nunca se viu semelhante inversão de mysteres!

Ora o *Diario de Noticias*, a fim de esclarecer a opinião publica, provando que não era a insufficiencia dos salarios motivo bastante que justificasse a reclamação e intransigencia da classe typographica, publicou uma lista dos vencimentos de cada um dos seus compositores. N'essa lista, onde o maior vencimento é de 28274 réis e o menor de 777 réis, vê-se que a média dos salarios é de 18400 réis diários.

Cumpra saber que o individuo que se destina ao officio de typographo não precisa de saber ler, nem escrever, nem contar. Basta-lhe que conheça as letras do alphabeto manuscritas e que saiba procurar no caixotim a letra correspondente fundida em chumbo. Com estes rudimentares conhecimentos *litterarios*, tendo na cabeça do dedo indicador o tacto necessario para verificar que se não enganou na letra que colheu no caixotim, está desde logo apto a, trabalhando de cinco a seis horas por dia, ganhar uma média de mil e quatrocentos réis diários. Se se compararem agora as habilitações de que carece, por exemplo, um segundo official de secretaria, cujo vencimento não chega a quatrocentos mil réis annuaes, com as habilitações e vencimentos de qualquer typographo, fica-se admirado de que, n'este paiz, ainda haja quem se prepare durante cinco annos com um curso superior, que se sujeite ás contingencias de um concurso, que solicite de parentes e amigos a protecção a fim de ser despachado, quando, prescindindo de tanto saber, de tanto estudo e de tanto empenho, pode facilmente adoptar modo de vida muito mais rendoso e de muito menor responsabilidade.

As exigencias da classe typographica não mereceram a sympathia do publico, principalmente depois de ter sido publicada no *Diario de Noticias* a lista dos salarios.

Em pessimas circumstancias ficariam os quadros typographicos, se, tirante dois ou tres, os jornaes de Lisboa lhes offeressem respectivamente, como remuneração do seu trabalho, participação nos lucros da empresa. Haviam os typographos de ganhar muito com isso! Seriam forçados a trabalhar de graça e talvez a entrar com alguma quantia para occorrer ás despesas da publicação. Ora, conhecendo a classe typographica a realidade d'estas coisas, o seu procedimento não mereceu, nem podia merecer, o applauso e a sympathia da opinião.

Apreciando agora o effeito que no publico produziu a suspensão dos jornaes, deve confessar-se que a falta da chamada *luz da publicidade* foi muito menos sensivel do que foi, ha sete annos, a falta de luz da iluminação publica. Um candieiro de gaz, que se apaga, causa muito maior impressão do que a falta de um jornal, que se extingue. A luz para os olhos é muito mais indispensavel do que a luz para a intelligencia. Por isso mesmo, ainda a *grève* dos typographos não assumiu a importancia que os seus promotores imaginavam. *Grève* por *grève*, antes a dos compositores, do que a dos lampianistas. Na ausencia de jornaes, não faltam pessoas que mutuamente se informem do que vai pelo mundo; porque, trazer consigo uma noticia, é muito mais facil e menos incommodo do que trazer uma lamparina. E, depois, quer os acontecimentos que sejam relatados pelos periodicos, quer sejam pelos individuos, é sempre a mesma coisa. Quem, ás seis horas da tarde, estacionar á porta da Casa Havaneza, á porta da Tabacaria Monaco ou á porta do Café Martinho, pode ficar inteiramente ao correr do que se passou no parlamento, tal qual como se fosse informado pelos artigos dos jornaes. Supponha-se, por exemplo, que o informador é do partido do governo: — Nunca no nosso parlamento se falou com tanto brilho, nunca se argumentou com tanta logica, nunca se reataram as accusações do adversario com tanta altivez e tanta hombridade, nunca, n'uma palavra, no animo do auditorio ficou gravada impressão mais profunda de assombro, do que a que, n'esse dia, deixou o esplendido discurso do sr. Hintze Ribeiro, respondendo á interpellação do sr. Francisco Beirão.

— O Hintze — exclamará o informador — o Hintze excedeu Cicero! Ouça-se agora um correligionario do partido da opposição: — Nunca na camara se pronunciou um discurso mais eloquente, nunca se atacou um governo com mais energia e mais vigor, nunca se evidenciaram com mais proficiencia os erros da nossa administração publica, nunca, n'uma palavra, na consciencia dos ouvintes ficou impressa uma convicção mais forte de espanto, do que a que, n'esse dia, deixou o soberbo discurso do sr. Beirão, atacando o sr. Hintze Ribeiro.

— O Beirão — exclamará o informador — o Beirão excedeu Cicero! Com a leitura dos jornaes succedia justamente a mesma coisa. Os do governo apregoariam a admiravel eloquencia do sr. Hintze Ribeiro, os da opposição a eloquencia admiravel do sr. Beirão, e chegariam ambos ao mesmo resultado, isto é, que qualquer dos dois oradores citados excedera, n'aquelle dia, o proprio Cicero!

A quem a suspensão dos jornaes verdadeiramente preocupou foi ás pessoas que se consideram celebridades contemporaneas. Essas, sim; essas é que andavam succumbidas, caminhando tris-

tamente pelas ruas, n'um passo abandonado e frouxo, como um corcel de guerra se lhe falta o retinir marcial dos clarins que lhe estimula os nervos e o impelle fremente para as correrias da peleja. Francamente, não vale muito a pena esforçar-se um homem por ser celebre, sacrificando n'isso as suas commodidades e os seus gosos, se não houver um jornal que o apregoe, que o aponte, que o imponha ao respeito e á admiración das multidões. Pelos cerebros d'essas celebridades deve ter passado, por vezes, este pensamento terrivel: Se eu morresse hoje!

Faça-se idéa! Morrer um homem notavel e ir obcuramente para o cemiterio, como qualquer pobre diabo, sem acompanhamento, sem discurso á beira do tumulo e sem necrologio! Extinguir-se para sempre o fulgor do seu nome, como se extingue, de um sopro, a chamma da vela que se apaga, ao deitar! Em vez do preto bombastico ás qualidades do seu talento, á integridade do seu caracter, á magnanimidade do seu coração, á sua virtude, ao seu valor, á sua grandeza, á sua riqueza, elevando-o á altura de Demosthenes, se era orador, de Sophocles, se era dramaturgo, de Cresus, se era banqueiro, de Annibal, se era soldado, em vez de toda essa retumbante ladainha de tropos e de hyperboles, mais sonora do que o repicar de mil sinos e mais solemne do que o rufar de mil tambores, em vez de tudo isso, — o silencio, a mudez, o esquecimento, o nada! E' de arripiar!

Pelas pessoas que constituem a sociedade elegante, tambem a suspensão dos jornaes foi muito lamentada. Então já não haverá uma chronica em que se diga que a *toilette* da condessa X viera expressamente da Redfern para o baile da marquezia Y? Já não haverá uma simples referencia ao lindo chapéo branco guarnecido com uma grinalda de botões de rosa confeccionado (gallicismo e tudo) no famoso *atelier* da Virot para a graciosa ministra de I? E os *menús* dos jantares? e as marcas do *cotillon* dos bailes? e os *picnics*? e os casamentos? e, sobretudo, a relação das pessoas que assistiram a essas festas?

Não, francamente, se o caso não tem jornal que lhe dê publicidade, para atormentar de inveja uma rival, não vale a pena que uma elegante senhora esteja, durante duas horas, em frente do seu espelho, a acolhetar cuidadosamente o corpete do seu vestido de rendas, a abater ou a tufar as pregas da saia, a espetar com arte sobre os cabellos ondeados o chapéo da ultima moda e a mirar-se e a remirar-se de todos os lados, antes de sahir! Para que ha-de tambem vestir-se um homem de preto, alugar uma carruagem da Companhia, preparar um semblante de tristeza e estudar duas ou tres phrases banaes de condolencia, para ir no cortejo funebre do conselheiro X até o cemiterio, se no dia seguinte não houver jornal que publique a noticia minuciosa do enterro, com os nomes dos assistentes e particularmente dos que tiveram a suprema honra de pegar ás borlas do caixão? Não; não ha jornaes? Então, amigos, amigos, entremos á parte! Que o conselheiro descanse em paz e que a terra lhe seja leve!

Mas, assim como ha muita gente que lamenta a suspensão dos jornaes, tambem não falta quem d'ella se tenha aproveitado. Muitos sujeitos, que desejariam ajustar contas com outros, por causa de antigas desavenças e rivalidades, se teem até hoje abstido de o fazer, evitando encontrar-se com o adversario e ter com elle um conflicto, com receio de ver no dia seguinte referido o caso nos jornaes, com os nomes dos contendores.

— Se não fôsse o medo de ver figurar o meu nome nos jornaes — ameaçam esses individuos — partia a cara a Fulano.

O Fulano, provavelmente, tem, até hoje, pensado da mesma maneira.

Ora até que, finalmente, chegou para esses o desejado momento dos desabaços e desaffrontas! E quem sabe então quantas bofetadas, quantos murros, quantas bengaladas se terão trocado, durante estes dias, por essas ruas da cidade! Consta que ás *pharmacias* tem sido extraordinaria a concorrencia de individuos contusos, que alli vão reclamar os primeiros socorros, uns de cabeça rachada, outros de nariz esmurrado, de individuos, emfim, que vão nobremente demonstrar que a bengala não é apenas um objecto inutil de elegancia e de luxo, e que dois homens, quando se encontram na rua, se não servem das respectivas mãos direitas unicamente — como manda a civilidade — para tirar o chapéo ou dar o amavel *shake-hands*.

Depois de escriptas estas considerações, e outras, que, por inopportunas, se supprimem, a classe dos typographos reconsiderou e apresentou-se, sem condições, para continuar a impressão dos jornaes. Antes assim. Fica-se, pois, de hoje em diante, informado do que se passa na cidade, durante a quinzena, e com assumpto para escrever uma chronica variada dos acontecimentos.

D'esta vez, tenha o leitor paciencia! Não se lhe offerece o *ciset* por ter faltado a lebre.

ALBERTO BRAGA.

Proclamamos a liberdade de consciencia entre os primeiros dogmas das sociedades modernas. Temos isso sempre presente para arredondar os nossos periodos solemnes nos dias em que mandamos passear o nosso estylo frisado e emplumado em coche de gala a quatro soltas pelas columnas do jornal. Esquecemo-nos apenas de que a esta hora em Portugal não deixamos cursar a Universidade de Coimbra aos filhos de israelitas domiciliarios desde longos annos no reino, porque ha lá uns obstaculos hieraticos, que aliás não são incompativeis com a comprehensão das sciencias n'aquelle instituto professadas, com a exclusão da faculdade de theologia, que decerto não seria o ideal ambicionado pelos netos dos proscriptos de D. Manuel.

VISCONDE DE BENALCANFÓR.

Politica internacional

A catastrophe occorrida em frente de Porto Arthur, na qual a Russia perdeu dois dos seus mais bellos navios e o mais prestigioso e sympathico dos seus almirantes, é o facto que domina durante esta ultima quinzena na guerra do Extremo Oriente. Não é sómente a perda de duas unidades da sua já reduzida esquadra, que devem deplorar os russos, mas acima de tudo o golpe vibrado no seu prestigio, que tão abalado se encontra desde o principio da guerra e até mesmo pelo modo como os japonezes abriram as hostilidades, decidindo-se a interromper as negociações, quando o gabinete de S. Petersburgo estava seguro de poder continuá-las. Pouco a pouco, ingloriamente e quasi sem combate, a esquadra russa, que era a terceira ou a quarta do mundo, encontra-se hoje em parte destruída, em parte inutilizada. A de Porto Arthur pouco mais é do que um montão de ruínas. A de Vladivostok não pôde arriscar-se ao mar com medo de ser destruída. A do Mar Negro está fechada pelos tratados, que lhe embargam o passo. A do Mediterraneo é fraca de mais para poder ser considerada como valor naval effectivo. Finalmente a do Baltico não está organizada e sobretudo está muito longe para se conseguir saber quando e como poderá chegar ao theatro da guerra, se é que lá tem de ir alguma vez. Tudo isto indica que, pelo menos por agora, a Russia perdeu irremediavelmente o dominio do mar, o que não pôde deixar de reflectir-se no seguimento das operações terrestres, que esta perda vai dificultar em extremo para os exercitos do tsar. Por muito bem asseguradas que estejam as communicações pelo transiberiano (e este facto não é tão evidente, que não tenha soffrido impugnação) percebe-se claramente que esta linha não pôde ser bastante para o transporte de tropas em larga escala, como o exige a defesa da Mandchuria, e para o serviço da alimentação do poderoso exercito, que os russos pensam oppôr n'esta região aos japonezes.

Um dos dois serviços ha-de por forza ser sacrificado ao outro. O dos fornecimentos não o pode ser, sob pena de se arriscar a propria existencia das tropas. Tem de o ser portanto o de transporte de novos reforços, os quaes pelas razões indicadas hão de soffrir importante redução. E' o que explica a tactica seguida pelos russos até agora. Recuam sempre para se concentrarem ou mais propriamente para aguardarem o momento de poderem ser reforçados. Por isso não se opposeram aos desembarques japonezes na Coréa. Por isso não invadiram este paiz, para darem batalha ao inimigo, enquanto elle não se tinha reunido em grandes massas nem intrincheirado convenientemente. Por isso foram abandonando sem lucta todas as posições, algumas d'ellas muito vantajosas, até ao Yalu.

Por isso abandonaram a margem esquerda d'este rio, onde se dizia que opporiam desesperada resistencia ao invasor. O segredo d'este constante recuo está, quanto a nós, na inferioridade numerica dos russos na Mandchuria, muito abaixo, segundo todas as presumpções, dos phantasticos calculos telegraphados sem criterio pelas agencias de informação. E' evidente que se as tropas do tsar ascendessem no Extremo Oriente ao numero que se lhes attribue, 400:000 homens conforme uns, 200:000 segundo o computo mais modesto, de ha muito que teriam comprehendido uma vigorosa offensiva, tendo-se a estas horas ferido mais de uma importante batalha. Se tal não aconteceu, se em vez d'isso o general Kuropatkin tem evitado cuidadosamente vir ás mãos com o inimigo, é porque se sente numericamente muito fraco para se medir com os generaes japonezes, apesar de estes contarem apenas até agora com uma pequena parte das forças, que o governo do Mikado tem em reserva para a lucta. E' sabido que os grandes desembarques para as operações decisivas ainda não começaram.

Assim, por insufficiencia de recursos, parece que os russos não se opporão a serio á passagem do Yalu, o que militarmente parece significar o abandono de Porto Arthur á sua sorte. Se é certo mesmo o que em rumores já começa a circular, terá o general Kuropatkin de evacuar Mukden, fracamente defendida e ameaçada, ao que parece, pelos japonezes. A ser assim, todo o sul da Mandchuria, sem contar com a Coréa, ficará perdido para os russos n'esta primeira phase da campanha. Pelo que fica exposto, pôde bem apreciar-se qual a gravidade da situação militar n'este momento para os russos. Virá ella a modificar-se em favor d'elles de um modo sensivel? Tudo depende do importante problema das communicações. Mais ainda que da mobilisação propriamente dita do exercito, o futuro da Russia na guerra actual está preso ao destino do transiberiano, e ao papel que esta unica via da communicação é capaz de representar. Se os russos succumbirem não é por falta de coragem nem por carencia de patriotismo. Hão-de ser as deficiencias da sua administração militar, agravadas pela insufficiencia de communicações e de meios de transporte, as principaes causas responsaveis pelas suas derrotas.

Tratámos, na nossa revista anterior, das tendencias que se estavam manifestando na politica internacional, e do papel predominante que n'esta nova orientação cabia á Inglaterra. A evolução diplomatica, que traduz este movimento, acaba de ter o seu natural remate com o accordo anglo-francez, que é o assumpto de discussão obrigada em todos os circulos governamentais da Europa e da America. O que este accordo é e o que representa, dil-o melhor do que qualquer longa explanação o sentimento que em todos produziu — senti-

mento de alegria e allivio por se verem novamente reunidas na mesma aspiração de progresso e de paz as duas grandes rações democraticas do occidente, os dois grandes estados que consubstanciavam os melhores interesses da civilisação contemporanea. A aproximação da França e da Inglaterra por este accordo, que equivale, senão na letra pelo menos no espirito, a um verdadeiro tratado de aliança moral entre os dois paizes, promete nos desde já que a paz não será alterada por motivo do conflicto do Extremo Oriente, e assegura-nos ainda que em todas as grandes questões internacionaes vão mutuamente auxiliar-se os gabinetes de Londres e de Paris para a solução dos incidentes que possam surgir — o que representa a melhor das garantias para a conservação do equilibrio europeu.

Conforme é sabido, o accordo anglo-francez tem sobretudo por intuito resolver as questões colonias pendentes entre ambas as nações, mas enganar-se-ia muito quem quizesse apenas attribuir-lhe este alcance restricto. A significação d'este documento accentuou-a bem lord Lansdowne no despacho que enviou ao embaixador inglez em Paris, insistindo na grande importancia do accordo, considerado no seu conjunto — importancia que dá a este instrumento diplomatico um valor muito superior ao das diversas transações particulaes que o constituem e que só se comprehendem bem quando referidas á negociação geral, que a todos abrange.

O accordo consta de um tratado propriamente dito e de duas declarações. O tratado refere-se á Terra Nova e á Africa occidental. Por elle a França renuncia aos privilegios, que lhe haviam sido concedidos pelo artigo xiii do tratado de Utrecht nas costas da Terra Nova e recebe, além de uma indemnisação em dinheiro para compensar os pescadores francezes n'aquella região, uma rectificação de fronteiras na sua colonia da Senegambia, além das ilhas Los, que a Inglaterra lhe cede. Tambem a França recebe o territorio de Sokoto com a area de umas cem milhas, pouco mais ou menos.

As duas declarações, que completam o tratado acima referido e d'ellas fazem parte integrante, referem se, uma ao Sião, Madagascar e Novas Hebridas e a outra ao Egypto e a Marrocos. Pela primeira a Inglaterra reconhece a influencia da França nos territorios situados a leste da bacia do Menam e a França reconhece a influencia da Inglaterra nos territorios a oeste da mesma bacia. Pela segunda, que é evidentemente a mais importante e que maior sensação tem produzido nos centros diplomaticos europeus, regulam-se de vez entre ambas as nações as duas questões, que ha tanto tempo as dividiam — a do Egypto e a de Marrocos. De facto reconhecem-se n'este documento, quaesquer que sejam as cautelas da sua redacção, os direitos da Inglaterra no Egypto e um eventual protectorado da França em todo o imperio marroquino. As questões egypcia e marroquina ficam assim liquidadas entre as duas poderosas nações, sendo de pouca ou nenhuma importancia para o resultado final do litigio a opposição que os mais estados europeus possam fazer. E nem mesmo a farão, com excepção de um unico — a Espanha — que no entanto pela sua fraqueza nada poderá conseguir. Quanto aos demais, a attitude que tomarão, não é mysterio para ninguém. De resto os que pela situação especial, que tem ou pretendem ter no Mediterraneo, podiam intervir no assumpto, ou estão d'elle completamente desinteressados como a Austria, ou vêem-se isolados e impotentes para emprehender alguma cousa como a Alemanha, ou são aliados de uma das partes contractantes como a Russia, ou negociaram a acquiescencia ao tratado por uma prometida compensação como a Italia, a quem se assegurou o eventual protectorado de Tripoli. Estão, pois, satisfeitos os lobos grandes. Os pequenos, como de costume, nada tem que ver n'estas repartições, se bem que alguns, como Portugal, possuam a respeito das regiões de que se trata mais direitos historicos que todas as grandes potencias reunidas. Ainda a França não sonhava em ter colonias nem em vir a ser uma potencia maritima e já Portugal dominava em Marrocos, não se havendo podido apagar ali até hoje os vestigios da nossa influencia.

O tratado anglo-francez, como se deprehe de das principaes estipulações que aqui deixamos consignadas, é mais do que um simples instrumento diplomatico, como muitos que costumam assignar-se. Representa pelos seus antecedentes, pelo momento em que se realisa e pelas provaveis consequencias que ha de ter, um acontecimento historico da mais alta importancia, destinado a abrir uma epocha nova nas relações das diversas nações do nosso continente. Não ha duvida que pelo novo accordo anglo-francez o equilibrio europeu vai ser mais estavel; mas o centro de gravidade da politica internacional está desde este momento deslocado. Paris e Londres vão ser de hoje em diante os reguladores das correntes diplomaticas, que até agora recebiam do norte a orientação.

Uma curiosa coincidência, que se dá com o presente tratado e que constitue facto unico sem precedentes na historia de todas as negociações diplomaticas, é que as duas partes escoheram para o fazer o momento em que os seus respectivos aliados estão empenhados n'uma lucta de morte. Que singular fundo para as combinações dos srs. Delcassé e Lansdowne as selvagens hecatombes em frente de Porto Arthur!...

CONSIGLIERI PEDROSO.



Typos da Russia
Um policia

Museu da Direcção Geral de Infantaria

A direcção geral de infantaria, vindo substituir, mas em forma diferente, a antiga Inspecção de Infantaria foi installada nas mesmas quatro ou cinco salas onde esteve a Inspecção, nas dependencias da Escola Naval, na Rua do Arsenal. Em duas d'essas salas não poderá o leitor ver mais que uma classica repartição, com secretarias e estantes, e uma pequena bibliotheca, cuidadosamente tratada, e que é tambem o logar onde se realisa a parte theorica do exame para accesso ao posto de major.

Depois d'estas salas, ha ainda duas, que foram destinadas á installação de um museu, pequeno pelas proporções, mas deveras interessante pelo bom gosto e criterio scientifico que presidiram á sua organisação.

As gravuras juntas, cujo exame poderá facilitar ao leitor o comprehender melhor a nossa descripção, foram obtidas com photographias feitas pelo sr. capitão Azevedo e Silva, chefe de uma das secções da Direcção, e que é tambem um habil photographo amador.

A sala principal, arranjada com o mais perfeito gosto artistico, reúne tudo o que ha mais curioso e instructivo para arma de infantaria. Vêm-se ali os modelos de espingardas do que ao presente estão armadas as infantarias dos exercitos melhor organisados, e que nos convem conhecer. A par da espingarda mostra-se tambem o equipamento, correame, munições, calçado, uniforme de campanha, grande uniforme usados por todas essas infantarias, formando um conjunto deveras interessante, e que nos pode facultar um estudo comparativo, que seria difficil sem a presença d'esses objectos.

O museu possui já os elementos completos para o estudo das infantarias ingleza, franceza, hespanhoia, italiana, belga, allemã, austriaca, sueca, hollandeza, etc.

Como se vê nas gravuras, os uniformes são exhibidos em manequins completamente vestidos e calçados, sendo esta maneira favoravel para uma comparação ou estudo mais facil.

Manequins apresentando os uniformes da nossa infantaria e caçadores, figuram tambem ao lado dos estrangeiros, e mostram que a nossa infantaria não está inferior á das outras nações, nem em uniformes, nem em equipamento.

Pelo que respeita á nossa espingarda, certo é que ella é inferior, mas é uma consequencia natural de ser ella mais antiga, e talvez a primeira arma de repetição que se adoptou nos exercitos. Todavia, é tambem certo que a nossa situação em armamento vaé modificar-se, logo que se receba o novo modelo Mauser-Vergueiro, que está já em fabricação.

Sendo as installações da Direcção de Infantaria tão pequenas, que apenas lhe ficam duas salas disponiveis para museu, impugna-se, é claro, a necessidade de fazer um rigoroso aproveitamento do espaço disponivel. Foi justamente o que se fez. O aproveitamento é tão intenso, que será impossivel encontrar o mais pequeno

espaço, que não esteja aproveitado com tanto gosto artistico, como criterio scientifico o chão, as paredes, as portas, o tecto, tudo foi bem aproveitado, como o leitor pode verificar pelo exame das gravuras, ou com uma visita ao museu, de que não se arrependerá.

Uma porta da sala principal tem um soberbo e lindo trophéo de armas, em obra de talha. Outra porta de vidraça, tem um grande emblema de infantaria, gravado em vidro, de desenho correctissimo.

No chão vêm-se metralhadoras modernas, carros de munições,



O gabinete do general director

uma tenda-abrigo armada a rigor; aqui e ali modelos de fortificações, reductos, trincheiras, collecções de photographias militares, armeiros, conjuntos de armas, trophéos, panoplias. Em estantes apropriadas, expõe-se o material de campanha, de bivaque, cantinas de soldados e de officiaes, material de instrucção de esgrima, espadas, couraças, mochilhas, sem faltar mesmo os objectos que o soldado, em campanha, transporta consigo, como o pequeno espe-lho, lenços, toalhas, etc., etc.

Como as salas recebem pouca luz natural, e são escuras, tornou-se necessario recorrer á luz artificial. Esta luz é luz electrica, fornecida pelas machinas do Arsenal. Quando se quer illuminar bem as salas do museu, move-se um commutador e immediatamente surgem os cachos de luz por entre as panoplias e outros ornamentos do tecto e das paredes, augmentando o relevo artistico do conjunto.

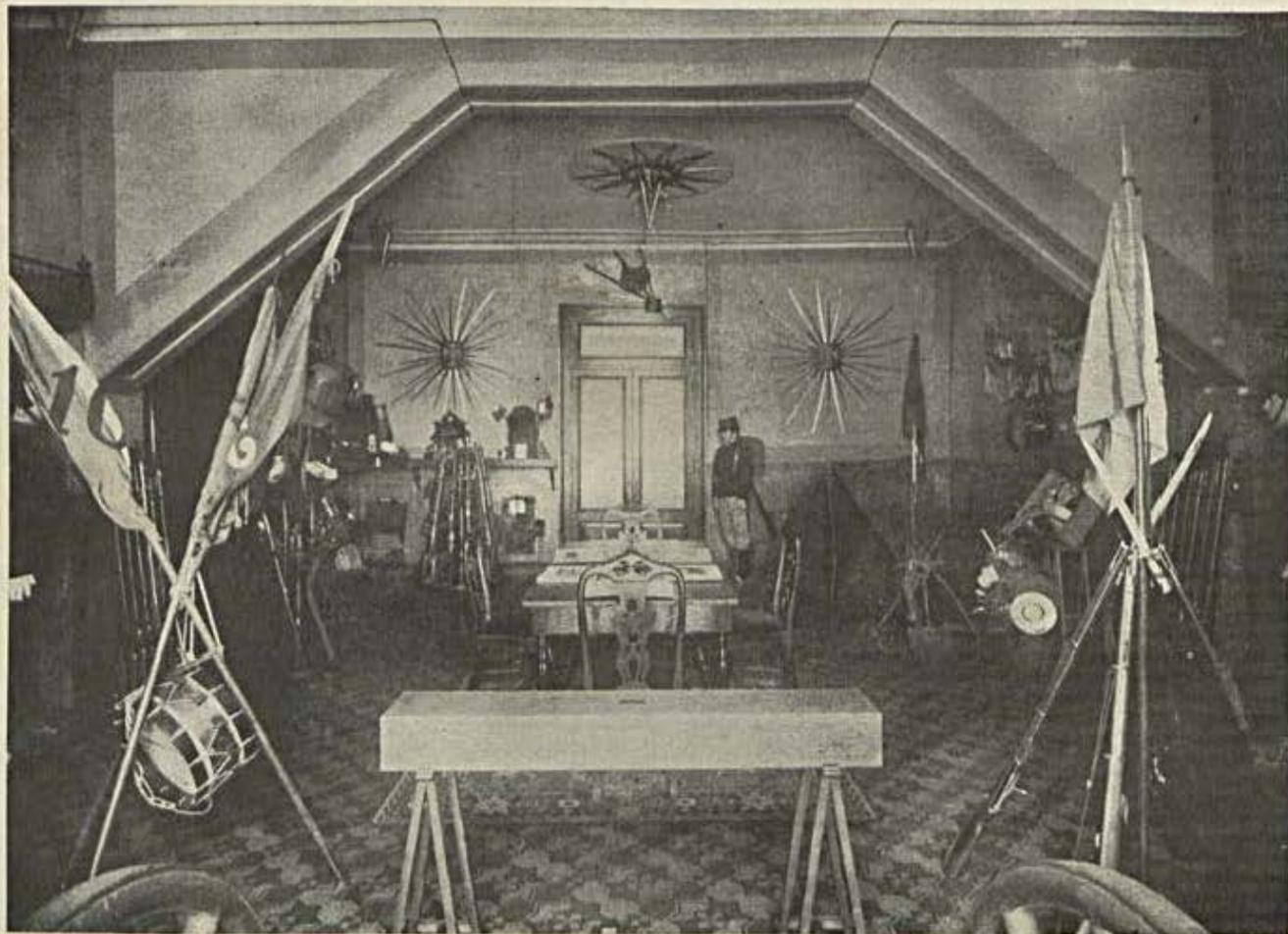
O museu de infantaria está de facto organisaado, e embora o ponto de partida da sua organisação seja o decreto do sr. general Pimentel Pinto, de 1900, que creou em nossos moldes organicos a Direcção Geral de Infantaria, poderá affirmar-se que elle não teria passado do papel, da concepção á realidade, se não fosse a acção propulsora do sr. general Lencastre e Menezes, director geral da infantaria. Sua excellencia, auxiliado pelo sr. major Antonio Waddington, creou em dois annos o museu de infantaria, em condições de merecer admiração, provando assim o seu muito amor ao engrandecimento da infantaria, assim como a sua superior competencia e perfeita orientação.

A persistencia dos organisadores do museu, o seu tacto especial de conduzir solicitações e amaciar attrictos, conseguiu aproveitar a boa vontade que já havia no ministerio da guerra, e crear essa vontade n'outras estações de que dependeram para adquirir os objectos colleccionados.

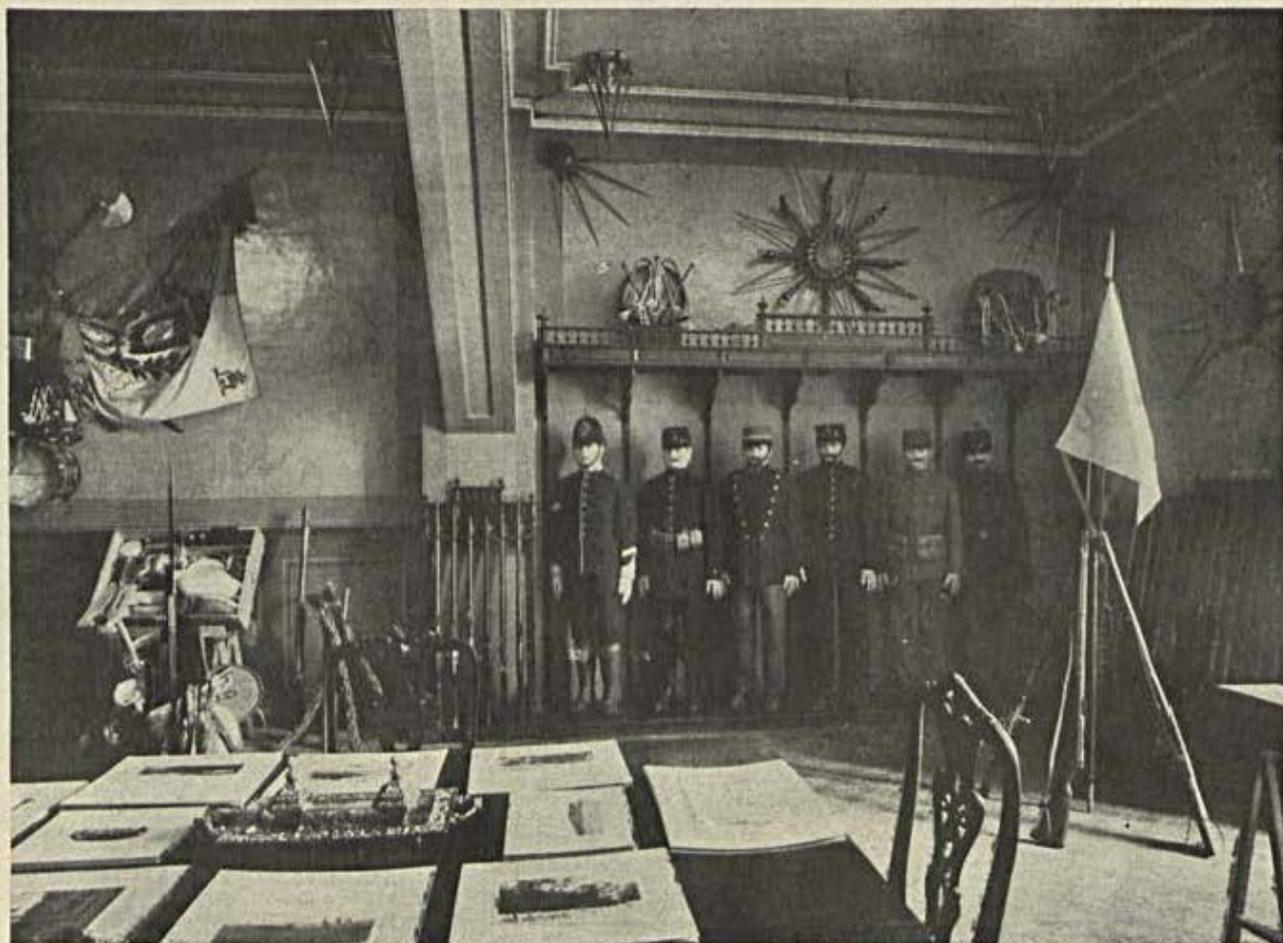
A orientação ou plano que presidiu a organisação do museu de infantaria é a melhor que se poderia seguir, e consiste em reunir objectos de uso da infantaria, não para uma simples contemplação de curiosidade, mas para



A bibliotheca



Uma parte da sala do museu



Manequins com fardamentos estrangeiros

se poder fazer facilmente um estudo applicavel ao aperfeiçoamento da nossa infantaria.

O museu de infantaria não é, e estimamos que nunca o seja, um grande armario onde se guardam reliquias nacionaes, bandeiras rasgadas, espadas de heroes, espingardas e bandeiras tomadas ao inimigo.

Estes objectos ficam melhor n'um recinto á parte, commum a todas as armas, n'um museu nacional do exercito. Elles merecem religiosa veneração, e servem ao estudo litterario, historico e artistico. Os museus especiaes para cada arma tem outra razão de ser, e destinam-se a fornecer a cada arma o estudo das suas especialidades, com o intuito do aperfeiçoamento e futura applicação na defesa da patria.

Se a centralisação é um methodo de estudo e trabalho, a des-centralisação tambem o póde ser; tudo depende das condições, e do uso que se fizer dos principios.

N'um periodo de alguns annos, todos os officiaes de infantaria terão occasião de transitar pela Direcção da arma, onde podem agora examinar todos os objectos que dizem respeito á organisação e instrucção da sua arma. Eis o que torna o museu de infantaria uma das modernas organisações mais fecundas para o progresso da infantaria, progresso que dependerá sempre de innumerables problemas, que só serão resolvidos periodica e successivamente de uma maneira provisoria.

JULIO DE OLIVEIRA
Capitão de infantaria.



Tiro aos pombos na Tapada da Ajuda



El-Rei D. Carlos e o Senhor Infante D. Alfonso

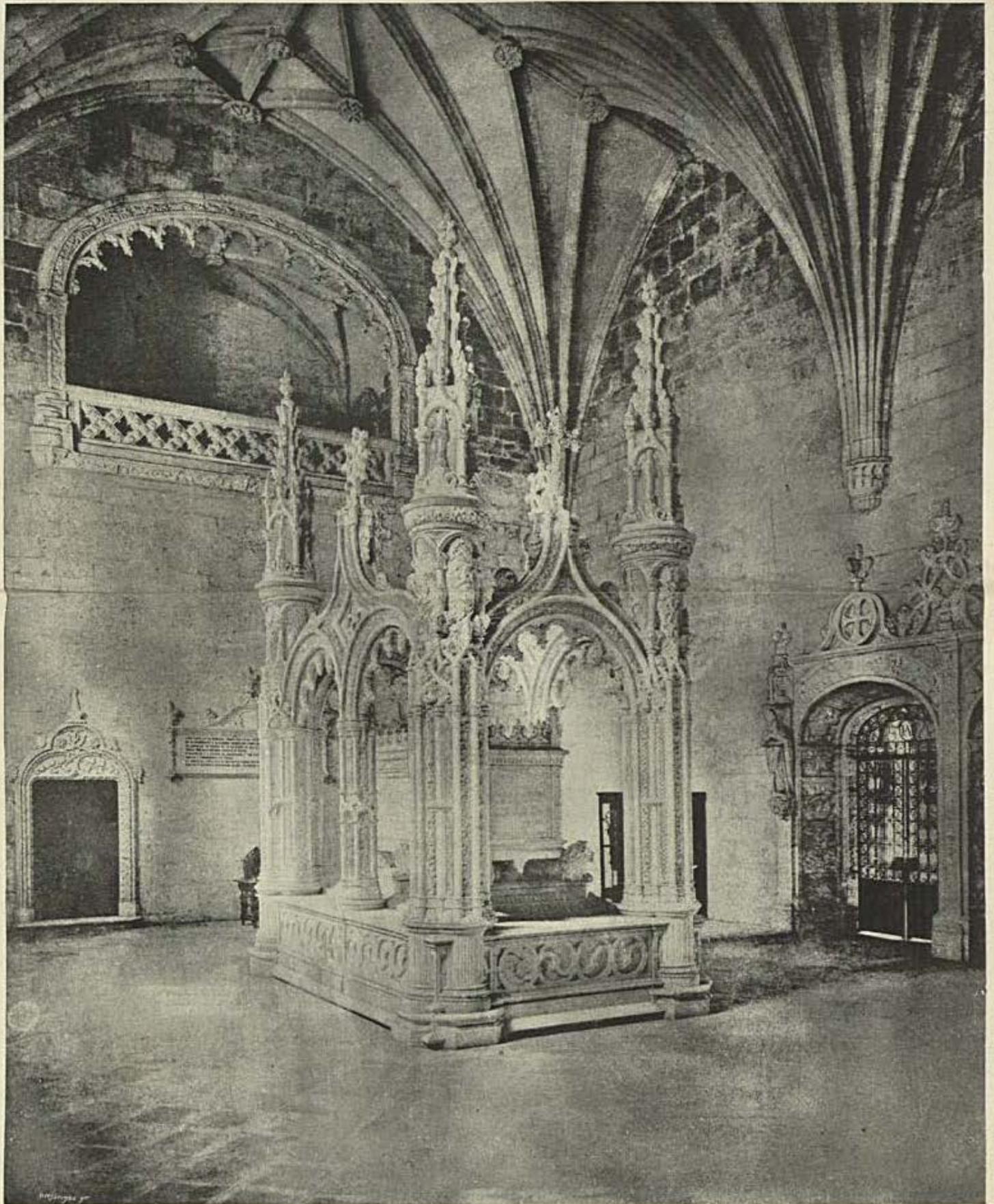


El-Rei D. Carlos conversando com sua Alteza o Principe Real, e os srs. Marquez de Gouveia e D. Fernando de Serpa Pimentel



El-Rei no tiro aos pombos

MONUMENTOS NACIONALES



O tumulo de Alexandre Herculano na igreja dos Jeronimos, em Belem

Tempos que não voltam

Ao Luiz Gama

Quatrocentos e noventa dotou o paiz com o *ultimatum* britannico, acontecimento que todos os governos festejam hoje como providencial, e marca na historia da minha vida, inutil como a de todo o portuguez que sabe ler e escrever, dois episodios memoraveis: a frequencia da aula do padre Chaves e a minha estreia de actor dramatico na grande companhia inventada e dirigida pelo Luiz Gama, actual soberano senhor das infundaveis *massas* do tio Faustino e de todas as cousas visiveis e invisiveis em Caldas da Rainha e adjacencias. Signaes particulares: é franquista *enragé* e já me convidou para uma *tournee* de propaganda em que eu, apesar de não matriculado no Centro Regenerador Liberal, faria, em seu nome, uma grossa de discursos.

Já antes da empresa Luiz Gama houvera uma outra manipulada pelo Christiano de Sousa e o Alvaro de Vasconcellos: o primeiro, o actor distinctissimo que todos conhecemos e applaudimos; o segundo, advogado do Porto, com gravidade e clientela. Frequentavam ambos o quinto anno quando eu era novato e dos mais refilões. O Quim Martins era o scenographo e, por signal, ainda chegou a pintar um tecto para uma formosa peça, original do Pinto da Rocha — *A Varanda da Moreninha* — que nunca foi á scena porque já nessa epoca o meu illustre confrade Mello Barreto fazia enorme concorrencia ao theatro nacional com a sua peça *As demi-Virgens*, traduzida por Marcel Prévost com o titulo *Les Demi-Vierges*.

Mas n'essa companhia eu passei... como um meteoro, invisivel a olho nu; e só mais tarde, muito tarde, perdoei ao Christiano e ao Alvaro a sua parcialidade revoltante a meu respeito. O visconde de S. Luiz Braga nunca se teria enganado; elles, ou de proposito ou por inveja (o ponto ainda não foi tirado a limpo), nunca me distribuiram papel que geito tivesse; uma ou outra rabula insignificante com a competente recommendação de sobriedade. Ora façam o favor de me dizer que demónio de sobriedade poderia uma pessoa empregar na seguinte réplica, que constituiu todo o meu primeiro papel:

— Está lá fora o sr. Timotheo, que deseja falar a V. Ex.^a
— ?!?!?!?

Do Christiano vinguei-me logo, d'ahi a poucos mezes. Quando na recita de despedida de um curso, elle surgiu, flammante no seu costume de Mephistopheles, elegante e irresistivel, cantando a ballada do Pedro Penedo:

Se vires um homem de pernas mui altas
Os olhos em alvo, a cara de mau,
Prostrae-vos por terra, beija-e-lhe as sandalias;
E' Pedro Penedo da Rocha Calhau.

eu soltei da platéa um alentado *fora!* sonoro e odiento. Verdade seja que me iam partindo a cara, no meio de uma assuada onde esfuziavam as invectivas de *bicho... calouro... novato... et reliqua!*



Fortaleza de S. Sebastião, em Moçambique (Africa Oriental)

Ao Alvaro não guardei ogeriza. O Christiano, machiavelicamente, subornara-o, distribuindo-lhe todos os contros e, já se deixa ver, sonogando todos os galãs. Eu protestava. Em vão! De que valem os protestos de um novato perante a tyrannica hierarchia da Lusa Athenas?

D'ahi a minha ternura pelo Luiz Gama quando, espontaneamente, elle me convidou para *jeune premier* da sua companhia. Ia chorando. Mas — vá lá alguém escapar ao virus profissional! —

dissimulei a minha commoção e foi já com um certo feitiço cabotino que accetei o convite. «Muitas occupações. A politica... O padre Chaves... A Tuna... Mas, enfim, visto que não havia outro...» E estreei nos *Moços e Velhos*, fazendo a Thereza Mattos a ingenua. Aposto que nem ella se lembra!

Deixo aos contemporaneos a grata missão de cantar em prosa e verso essa estreia auspiciosa e só lamento que a ella não tivessem assistido o Christiano e o Alvaro, para se mordorem de inveja. Mas assistiu o João de Menezes, que está ahí vivo e são para dizer de minha justiça... e o Agostinho de Campos... e o Martins de Carvalho... e o José Braamcamp... e uma porção de creaturas com talento, engenho e arte. E mais se acrysolou o meu affecto pelo Luiz porque, deante dos applausos do publico, modestamente se occultava, cedendo o primeiro logar a este seu creado.

E visto que estamos em familia e chegou a hora da confissão geral, devo dizer-lhes que já muito antes, aos quinze annos, eu sentira os primeiros symptomas da intoxicação pela colica melpomenica.

Concluirei os preparatorios e frequentava assiduamente o theatro de D. Maria Lembraram-se os Rosas, ou alguém por elles, de contractar a



Vista do Paioi de S. Sebastião, tirada do lado onde a explosão se deu com maior força
Moçambique (Africa Oriental)



Explosão do paiol da pólvora na Praça de S. Sebastião — Moçambique (Africa Oriental)

grande Favart, ao tempo bem entradinha em annos, seja Deus louvado! Na companhia vinha uma pequenota de doze annos, Louise Lamart, que fazia de pagem na ceia tenebrosa da *Lucrecia Borgia* e dizia assim com uma amphora em cada mão:

— Messigneurs: voulez vous du vin de Chypre ou du vin de Syracuse? ...

E os convivas, escolhendo naturalmente o vinho de Chypre, iam sorvendo, com leite, o seu cafésinho manhoso.

Oh, pagem funesto! Vermo-nos e amarmo-nos foi obra de um momento e o idyllio proseguiu, entre o Chypre e o Syracuse, durante duas longas noites. Mas na terceira — só de recordal-a se me arripiam as carnes! meu pae — furibundo e avisado por um d'estes mariolas inevitaveis em casos taes, interrompeu bruscamente o doce colloquio e, ao chegar a casa, Romeu levou uma sova monumental, uma d'essas sovas que não se commentam; registam-se.

Mas a que proposito... Ah! já sei.

O Luiz era o bohemio ideal: bom amigo, bom camarada, com uma decidida vocação para o palco. Alegre como um tentilhão, com essa ironia terna dos bons, com uma grande vivacidade na réplica e um soberbo a proposito na satira, era uma d'estas organizações que conseguem interessar os espiritos mais graves e os temperamentos mais sizudos. A velha Coimbra, com as suas tradições despreocupadas e jucundas renascia n'esse demoninho, vivo como o azogue, tratando os assumptos mais serios a piparote, mas conservando, deante do laborioso, esse meio termo discreto que tudo se faz perdoar. O *urso* conspicio e bolorento não se irritava com os seus remoques e não desdenhava, de quando em quando, aquecer-se a esse bello raio de sol. Era o menino bonito da Academia do meu tempo. Possuía o raro condão de tornear as situações mais difficeis. E houve-as durante esse periodo agitado de 90 e 91. A Academia apaixonara-se vivamente pelas questões politicas. O *ultimatum* provocara um movimento brilhante, dos mais brilhantes nas festas academicas. Discutia-se e conspirava-se. As assembléas geraes revelaram uma pleiade de oradores excepcionaes. Cerebro e coração entravam nos debates. Eu e muitos outros constituíamos a extrema esquerda radical. Diariamente bebíamos o sangue do ultimo dos reis pelo craneo do ultimo dos papas. A Constituinte, a Legislativa, a Convenção, não tinham segredos para nós. Bons tempos esses de sinceridade, de enthusiasmo, de sincero amor patrio! De Fé! sobretudo, de Fé! Ora o Luiz, por nascimento, por educação, pelas suas amizades e relações de familia não podia ligar-se a nós. Pois até essa difficuldade o maroto resolveu. Fez-se miguelista! Tambem elle não tolerava o existente. Mudemos de

vida. Vida rova! Mas com o sr. D. Miguel. E nós, sorrindo, acclamavamos o sr. D. Miguel.

E foi n'esta altura que a grande companhia dramatica Luiz Gama, com o seu numeroso repertorio de duas peças, emprehendeu a famosa *tournee* a Tondella.

Aposto que querem saber o que por lá se passou?

Pois se querem, é só esperar para outro numero.

CUNHA E COSTA.

NA DERROTA DA INDIA

A' noite, como um dobre funerario,
O vento bate nas infladas vélas.
Sobre o lençol de mar, — vasto sudario —
Cae a luz palpitante das estrellas.

Eterno scismador e visionario,
Camões procura o rastro das procellas.
Na amurada da nau, vê solitario
Apparições fantasticas e bellas.

A' flor das aguas surgem as odinhas,
Abandonando as grutas crystallinas
Boiam cantando as limpidas serenas.

O mar embala a nau no dorso altivo,
E ha como um sopro rude e primitivo,
Um frémito gigante de epopeias!

JOAQUIM DE ARAGÃO.



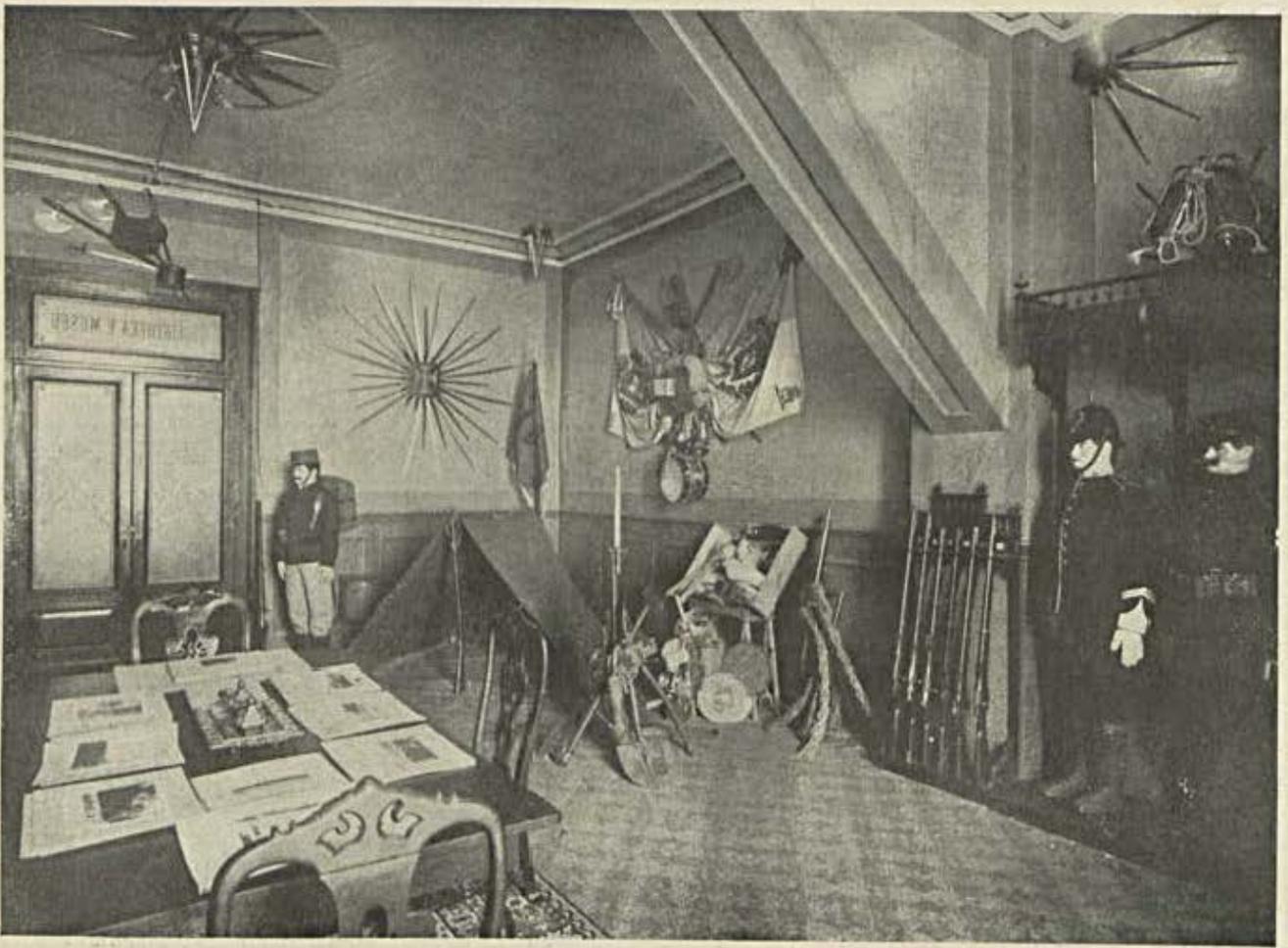
Eu ás vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elysió, Garção, ou outro qualquer d'esses mazorros semsaborões, quando os infelizes mostram inclinações pela leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a criança portugueza é excessivamente viva, intelligente e imaginativa. Em geral nós outros os portuguezes só começamos a ser idiotas — quando chegamos á idade da razão. Em pequenos temos todos uma pontinha de genio: e estou certo que se existisse uma litteratura infantil como a da Suecia ou da Hollanda, para citar só paizes tão pequenos como o nosso, erguer-se-hia consideravelmente entre nós o nivel intellectual.

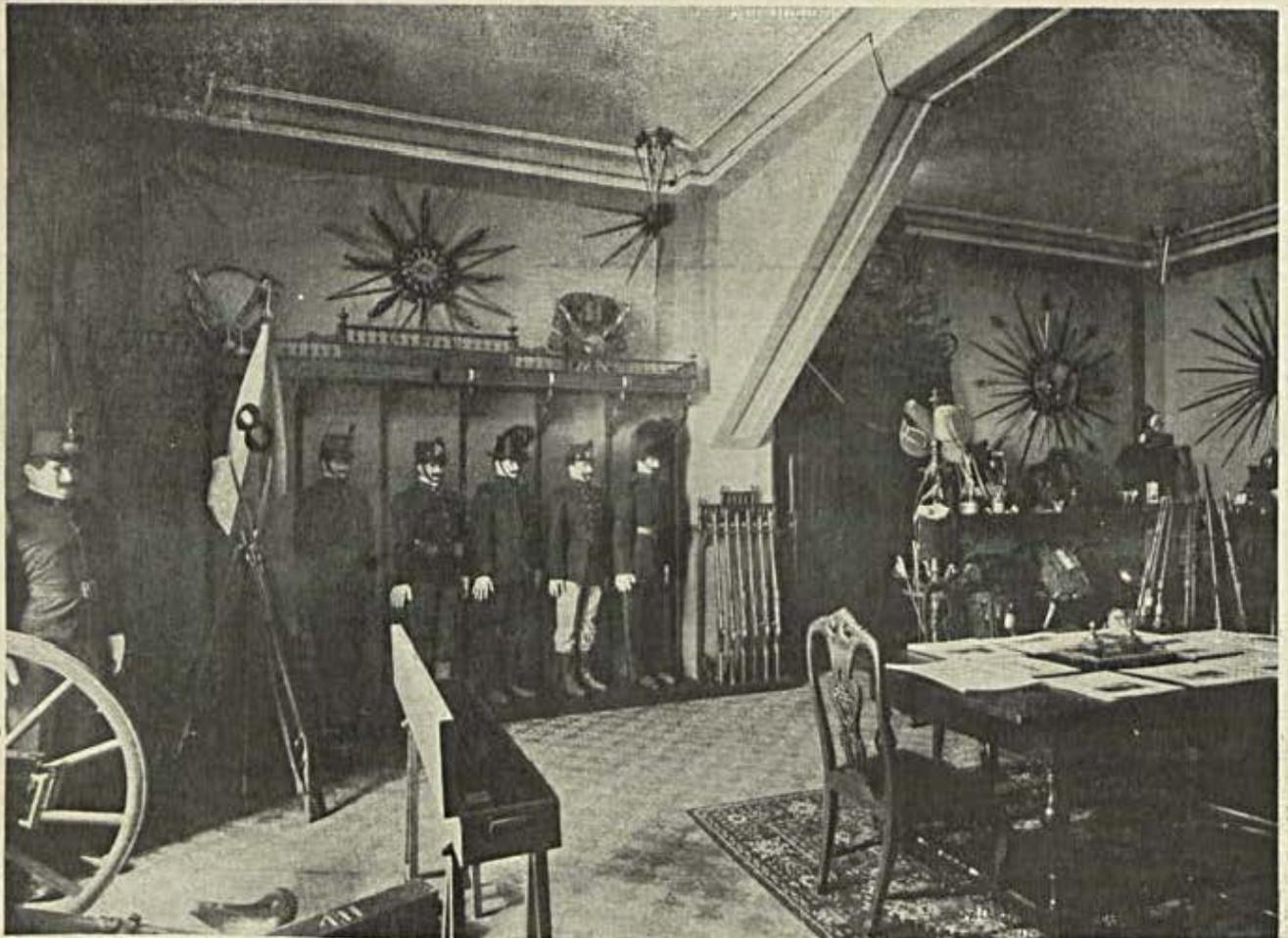
Em logar d'isso, apenas a lua d'entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamol-a sob grossas camadas de latim! Depois do latim accumulamos a rhetorica! depois da rhetorica atulhamol-o de logica (de logica, Deus piedoso!) E assim vamos erguendo até aos ceus o monumento da camelice!

EÇA DE QUEIROZ.

Parada da Praça de S. Sebastião em Moçambique (Africa Oriental)
Ao fundo a capella de Nossa Senhora do Baluarte



Material de bivaque e de sapadores usado pelo exercito portuguez



Manequins com fardamentos estrangeiros